



MOSAICOS DA BÍBLIA

19

**“E Ihes falava
em parábolas”**

**UMA INTRODUÇÃO À LEITURA
DAS PARÁBOLAS**

PEDRO LIMA VASCONCELLOS

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento da Linha Programática Bíblia e Unidade.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), a Linha Programática Bíblia e Unidade/Koinonia.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva a KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

EDIÇÃO e REVISÃO: Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho
DIGITAÇÃO: Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho
DIAGRAMAÇÃO: Anita Slade

São Paulo, julho, agosto e setembro de 1995

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel. (021) 224-6713
Fax (021) 221-3016

Rua dos Pinheiros, 706 casa 6
05422-001 São Paulo SP Brasil
Tel./fax (011) 280-7461

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
“E Ihes falava em parábolas”	7
UMA INTRODUÇÃO À LEITURA DAS PARÁBOLAS	
<i>Pedro Lima Vasconcellos</i>	
ALGUMAS PERGUNTAS, PARA INÍCIO DE CONVERSA	7
ALGUMAS QUESTÕES DE FUNDO	8
Parábola e alegoria	8
Parábola	10
Alegoria	11
JESUS DE NAZARÉ, PARÁBOLAS, ALEGORIAS E REINO DE DEUS	13
PARÁBOLAS DE JESUS FORA DO NOVO TESTAMENTO? O EVANGELHO DE TOMÉ	14
A PARÁBOLA DO SEMEADOR: DOR E ESPERANÇA	16
A PARÁBOLA DOS VINHATEIROS: A REBELDIA EM BUSCA DA HERANÇA	18
O que se tem dito da parábola	20
A parábola dos vinhateiros	21
Da parábola dos vinhateiros à alegoria da vinha	22
CONCLUIR? QUESTÕES QUE PERMANECEM	24

APRESENTAÇÃO

Na América Latina, novas preocupações se fazem sentir na prática de leitura bíblica das comunidades cristãs e grupos populares. Em tal prática emergem questões do cotidiano cada vez mais decisivas para a compreensão dos textos bíblicos. Além de reflexões tais como a do significado do Êxodo (1-15), ou das denúncias proféticas contra o Estado, novas questões são esboçadas: que relevância teria um texto sobre a disputa por um poço (Gênesis 21,22-24)? Qual a pertinência do fato de uma escrava nomear uma divindade (Gênesis 16)? E que importância têm os provérbios que revelam pequenos aspectos do cotidiano?

Eis a palavra chave: cotidiano. Trata-se de uma leitura que considera as realidades históricas e sociais do meio onde foram produzidos os textos bíblicos, demonstrando que são eles fala de gente pobre e humilhada, que vê na experiência comunitária que compartilham a possibilidade de expressão de sua própria identidade, consciência, expectativas e utopias.

Diante de tudo isso era de se esperar que também as parábolas do Novo Testamento tivessem a sua interpretação renovada, visto que são textos onde abundam temas e situações do dia-a-dia das pessoas que conviveram com Jesus. Isso justifica um estudo das parábolas a partir de suas imagens, as quais refletem a vida e os conflitos do ambiente rural da Palestina do século 1 d.C. Seria possível ler estas parábolas tendo como referencial a precariedade da situação de grandes contingentes da população rural daquela época? A resposta é sim. Mais ainda: este esforço pode contribuir para se repensar o lugar social dos primeiros seguidores de Jesus.

Diante desse quadro diversificado e dessas novas possibilidades de aproximação, é que este estudo se situa, ao abordar as parábolas de Jesus, e analisar mais especificamente a parábola do semeador (Marcos 4,1-20) e a dos vinhateiros (Marcos 12,1-12). Também é ele parte de um processo no qual outros textos têm sido refletidos e discutidos, trazendo novidades. Na leitura bíblica latino-americana, vão se esboçando aqui e ali contornos de uma teologia bíblica que incorpora cada vez mais os dramas e as esperanças das maiorias sofridas e marginalizadas do nosso continente.

Os editores

“E Ihes falava em parábolas”

UMA INTRODUÇÃO À LEITURA DAS PARÁBOLAS

Pedro Lima Vasconcellos

À Maristela, querida companheira e amiga

7

“O patrão é burro!” Assim reagiu, diante de uma professora atônita, o aluno ao ouvir a leitura daquela parábola de Jesus que apresenta um patrão pagandô igualmente a quem trabalhou uma hora e a quem “deu duro” o dia inteiro (Mateus 20,1-15). “Como, se este patrão representa Deus, bondoso e misericordioso?”, retrucou a piedosa professora. “Mais uma razão” — respondeu atrevidamente o aluno — “se ele é Deus deveria saber que, desse jeito, no dia seguinte os trabalhadores só irão aparecer para o trabalho às cinco horas da tarde!”

Esta história, que mais parece uma anedota, serve bem como introdução a esta abordagem sobre as parábolas, que propõe critérios hermenêuticos para uma adequada compreensão das mesmas. Ela deixa explícito que entre a compreensão convencional das parábolas, aquela própria das tradicionais pregações e dos esquemas catequéticos clássicos das igrejas, e o que elas podem eventualmente apontar pode haver distâncias enormes. Muitas vezes encontramos leituras ingênuas das parábolas, endereçadas em especial às crianças, revelando um desconhecimento do mundo das parábolas, e que minimiza a capacidade crítica das crianças.

Vamos ter que mexer com compreensões dadas, com leituras consagradas, com interpretações aparentemente inquestionáveis destas conhecidas (ou nem tanto?) histórias de Jesus.

ALGUMAS PERGUNTAS, PARA INÍCIO DE CONVERSA

Temos aprendido com a prática de leitura bíblica das comunidades e grupos populares a associar intimamente Bíblia e vida. Alegramo-nos ao “libertar” determinado texto, pela sua vinculação com a realidade, de sua leitura convencional, de cunho moralista ou dogmatizante. Exultamos quando descobrimos que aquela períclope ou aquele livro bíblico tem seus pés bem fincados no dia-a-dia das pessoas que formaram o povo de Deus e expressaram nos textos suas alegrias, expectativas, conflitos e esperanças. Cada vez mais as questões do cotidiano vão emergindo como decisivas para nossa compreensão dos textos bíblicos.

Desta maneira, seria de se esperar que as parábolas de Jesus tivessem sua interpretação renovada, já que são textos onde mais emergem temas e situações do dia-a-dia das pessoas que conviveram com Jesus, o que há muito tempo está reconhecido. Mas, surpreendentemente, não foi isso que aconteceu, por razões que precisamos investigar. Seria possível propor uma compreensão das parábolas a

partir das imagens e situações que delas surgem? Não é possível ir além da compreensão tradicional, segundo a qual a parábola tem duas partes: o assunto, que é o seu real tema, e a figura, com a qual aquele pode ser comparado? Como definir o assunto de determinada parábola senão por meio do desenrolar do próprio texto? Não poderíamos identificar a temática de uma determinada parábola nas imagens e figuras, na medida em que nos remetem para dados da realidade? Que importância hermenêutica tem o fato de que em cada parábola emerge uma situação peculiar do cotidiano do povo? Modificaria em alguma coisa nossa compreensão das parábolas reconhecer que elas têm sua origem na terra e nas circunstâncias do trabalho e do cotidiano da Galiléia?

Na verdade, estas perguntas fazem surgir uma inquietação: as interpretações convencionais das parábolas pouco ou nada falam das questões acima destacadas. Os textos falam de algumas realidades, mas estariam sugerindo outras. Qual a legitimidade destas “transposições”? Como um texto que apresenta uma cena ligada a um casamento pode ser interpretada como figura do julgamento (Mateus 25,1-13)?

Avançar nestas sendas faz pensar sobre a importância da questão da sabedoria presente nos textos bíblicos. É possível relacionar as parábolas dos evangelhos com o mundo da sabedoria popular, que em Israel tem longa história?

Além disso se coloca particularmente a questão da leitura dos textos do Novo Testamento. Este, porque cuidadosamente vigiado pelas hierarquias e ortodoxias das igrejas cristãs, se mostra mais resistente a uma abordagem que leve em conta as condições e situações do dia-a-dia das pessoas. Sua utilização convencional tem impedido que se perceba nos diversos textos que o compõem mais que enunciados de doutrinas e dogmas. Aventar novas possibilidades de aproximação se mostra tão necessário como desafiador.

É diante desse quadro diversificado que este estudo se situa. Parece, contudo, necessário precisar alguns conceitos e determinar alguns pressupostos que norteiam esta aproximação a algumas parábolas, particularmente a do semeador e a dos vinhateiros.

ALGUMAS QUESTÕES DE FUNDO

Parábola e alegoria

Todos conhecemos a parábola da rede, narrada em Mateus 13,47-48: *O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha de tudo. Quando está cheia, puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora.*

À parábola sucede uma outra imagem, apresentada em seqüência e como correspondente àquela: *Assim será no fim do mundo: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes* (Mateus 13,49-50).

Somos assim informados de que a parábola é uma imagem destinada a ajudar na compreensão do que há de acontecer “no fim do mundo” (notar o “assim” no início do v.49). Um episódio do presente, absolutamente corriqueiro, apontaria para uma

realidade futura. Jesus está falando, portanto, não do pescador e seu trabalho, mas do destino final da humanidade.

Mas esta mesma parábola é conservada em um outro evangelho, muito antigo, que, mesmo não fazendo parte do Novo Testamento, conserva ditos atribuídos a Jesus. Trata-se do evangelho de Tomé. Falaremos dele mais adiante. Por enquanto, leiamos o seu parágrafo 8. Lá encontramos o seguinte: *E ele disse: 'O homem é semelhante ao pescador que lança sua semente ao mar. Ao retirá-la do mar cheia de peixinhos, o pescador prudente encontra no meio dele um grande (e) belo peixe. Ele joga todos os peixinhos ao mar, mas fica sem dó com o grande peixe. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça'.*

À parte algumas pequenas diferenças em detalhes, os textos de Mateus 13,47-48 e o de Tomé coincidem fundamentalmente. Mas a leitura de Tomé em nenhum momento aponta para a perspectiva do “fim do mundo”, como em Mateus 13,49-50. Seria possível supor que este conteúdo escatológico estaria implícito no texto de Tomé? Alguém que lesse o texto de Tomé sem conhecer o de Mateus tiraria esta conclusão? Como haveria de explicar o texto de Tomé senão a partir dele mesmo?

Estas observações nos fazem concluir, preliminarmente, que há pelo menos duas formas de leitura das parábolas, uma mais direta e evidente, outra mais indireta e alusiva. Este dado se reforça com outro, que encontramos no evangelho de Marcos. Em Marcos 4,33-34 lemos duas afirmações, aparentemente contraditórias: em primeiro lugar, se diz que Jesus falava em parábolas de acordo com a possibilidade de entendimento das multidões; depois lemos que Jesus as explicava em particular aos discípulos. Como compreender tal paradoxo? As parábolas são compreensíveis por si ou necessitam de explicação posterior? Que compreensões de parábola estariam subjacentes a Marcos 4,33-34? O que é uma parábola?

Esta pergunta não é simples de ser respondida. Não satisfaz afirmar que parábola é uma história, uma comparação, um exemplo, já que estes podem ser compreendidos diversamente. Nem é suficiente dizer que a parábola retrata situações tiradas da vida do povo ou que expressam a cultura do povo da época. Definir uma parábola exige apontar pistas para sua interpretação. Não basta, portanto, perguntar-se sobre o que seja uma parábola; é necessário interrogar-se sobre como lê-la.

Parece que aqui se coloca um entrave no suficientemente equacionado e resolvido em nossa leitura convencional das parábolas. Para isso, sirva de exemplo uma questão levantada pela exegese do fim século passado. Desde os estudos do final do século passado se tornou obrigatório distinguir entre as duas formas de leitura das parábolas que acima mencionamos, chamadas respectivamente de parábola e alegoria, visto que cada uma aponta para uma abordagem diferente dos relatos parabólicos encontrados nos evangelhos. Seriam dois “tipos” diferentes de história. Esta distinção nos parece adequada. O que, porém, se nota é que quase nenhum dos estudiosos precisa sua compreensão sobre o que sejam parábola e alegoria. Muitas vezes uma distinção proposta acaba não se justificando quando se passa a um exercício de interpretação de um texto específico. A parábola muitas vezes permanece encoberta pela alegoria. É necessário buscar alguma definição a respeito. Desta maneira a pergunta fica assim colocada: que são parábola e alegoria?

Parábola

10

Falar em parábola deve nos fazer pensar no mundo da sabedoria israelita, particularmente no âmbito complexo e variado do *maxal*, que pode significar “dito proverbial”, “zombaria”, “comparação”. Nele parece estar condensada toda a experiência sapiencial de Israel expressa nas Escrituras. E, mais do que uma explicação das normas e da ordem do mundo, o que encontramos na sabedoria são os paradoxos, os elementos de crise. O provérbio capta o que é surpresa na realidade. Assim se compreende que os textos sapienciais estejam carregados do jocoso, do zombeteiro, do enigmático, do crítico e satírico. A sabedoria em Israel não tem a corte como ambiente preponderante, mas o cotidiano das pessoas. Não há aqui qualquer compromisso com ordem ou moral. A sabedoria detecta exatamente a desordem, o caos e a crise.

Pensamos que esta mesma realidade deve ser o ponto de partida para a compreensão das parábolas dos evangelhos. Na pesquisa sobre estas tem sido proposto, desde Adolf Jülicher, mas não sem contestação, a distinção entre parábola e alegoria. Ela nos parece justificada, não porém nos termos propostos por Jülicher. Para ele a parábola se caracteriza por comparar duas realidades paralelas através de apenas um ponto de comparação (o que ele chamou de *tertium comparationis*), enquanto a alegoria estabelece uma comparação múltipla entre duas realidades colocadas lado a lado. É necessário ir além.

A parábola (palavra que traduz o termo hebraico *maxal*, de que falamos acima) tem uma dinâmica completamente particular, com características bastante peculiares. Destaquemos aqui algumas delas.

A parábola é, em primeiro lugar, marcada por um profundo realismo. As imagens nela encontradas são recolhidas do cotidiano da vida das pessoas. Em cada uma delas são trazidas à tona situações, diríamos, corriqueiras e irrelevantes. Nada de fabuloso ou fantástico será encontrado nelas. Isso não quer dizer, porém, que as parábolas reproduzam tal e qual a realidade existente. E aqui está outro aspecto decisivo. Ao mesmo tempo que ela surge da realidade material e cotidiana destaca-se dela. Emerge da realidade mas não a reproduz: transforma-a. Assim, a parábola é sempre portadora de um conteúdo surpreendente, não porque absurdo, mas porque foge dos padrões normais. Na parábola há sempre um quê de impensado, de irrupção. Podemos perceber em cada parábola que, partindo do cotidiano, e sempre no âmbito do real, o relato tem a finalidade de estranhar, provocar a realidade do dia-a-dia. Por isso, o que predomina na parábola é o impensado, o novo, o escandaloso até. Como não perceber que parábolas como as do “administrador infiel” (Lucas 16,1-8), dos “trabalhadores na vinha” (Mateus 20,1-15) e tantas outras pretendem provocar leitoras, leitores e ouvintes a respeito de situações do cotidiano?

Dessa maneira, a parábola será adequadamente compreendida se considerada em seu todo, no conjunto de sua trama. Enquanto a alegoria, como se verá, tem um referencial externo abstrato, a parábola deve ser interpretada dentro do marco que a própria narração oferece. Com isso fica evidente que o *tertium comparationis* de Jülicher é insuficiente para a compreensão das parábolas pois, além de não levar adequadamente em conta o conjunto da narrativa, busca fora delas a possibilidade para sua compreensão, sem que qualquer elemento das mesmas aponte para tal. Nessa perspectiva cabe aqui questionar a vinculação estreita que normalmente se

estabelece entre parábola e reino de Deus. Sem querer negar a validade de tal conexão (que, aliás, se depreende dos próprios textos), é necessário garantir que as parábolas sejam levadas a sério em sua trama; só isso permitirá a elas apontarem adequadamente para o reino de Deus ou qualquer outra realidade. Nada exige da exigência de que o desenrolar do relato parabólico seja considerado em sua inteireza; só isso o tornará consistentemente eloqüente. Para usar a expressão de um estudioso das parábolas, cada uma delas é uma “história insubstituível”.

Levar a sério a trama implica reconhecer o caráter autônomo dos relatos parabólicos. Trata-se de histórias que falam a partir de si e por si mesmas. Elas se bastam. Isso não significa que a parábola não tenha também seu referencial. Este se encontra na realidade concreta e material de onde são recolhidas as imagens que emergem nas parábolas. As parábolas dos evangelhos priorizam questões relacionadas ao trabalho e à sobrevivência das pessoas. Este aspecto é fundamental. As parábolas, recolhendo estes e não outros aspectos da realidade, querem, de alguma maneira, interpretar esta mesma realidade. O assunto delas é a rede, a semente, a mulher à procura da moeda, o pastor com o rebanho etc. Parábola não é, então, mero recurso pedagógico que apontaria para outro assunto alheio à sua trama. Ela se apresenta como um retrato seletivo e criativo, embora imediato, de uma determinada realidade, diante do que se faz o convite à reflexão e a uma postura.

Assim, a parábola chama a atenção para a realidade. Porém ela não fala diretamente, não diz tudo; pelo contrário, convoca à reflexão, faz pensar. Não é à toa que algumas parábolas são concluídas com a seguinte convocação: “quem tem ouvidos para ouvir ouça!” “Para bom entendedor, meia palavra basta”, ou “um pingo é letra”: não é assim que diz nossa sabedoria popular?

Parábolas retratam situações do dia-a-dia das pessoas. Recolhem situações tiradas da vida do povo, expressando-as com os dados da cultura popular daquela época. O pressuposto deste estudo é que as parábolas têm como assunto exatamente estas situações. E aí um detalhe deverá chamar a atenção de quem lê os evangelhos. As parábolas aí encontradas evocam, na sua grande maioria, realidades ligadas à vida camponesa, particularmente situações relacionadas ao trabalho. Para uma compreensão adequada delas é necessário, portanto, travar contato com as condições de vida da população camponesa e com a situação socioeconômica conflitiva reinante nos campos da Galiléia para se ter uma idéia da realidade da qual surgiram as parábolas e que é por elas questionada. Vamos procurar verificar a viabilidade destes princípios hermenêuticos na leitura das parábolas do semeador e dos vinhateiros. Antes, porém, é necessário apresentar em que consiste a alegoria e a sua relação e diferença quanto à parábola, bem como esclarecer outros pressupostos.

Alegoria

Não há discussões de maior relevância entre os estudiosos a respeito do conceito de alegoria. Trata-se de um procedimento bastante característico. Poderíamos defini-lo como uma série continuada de comparações. Um conjunto de imagens interdependentes recebe significações para cada imagem. Cada elemento do quadro apresentado na história recebe significado particular. Podemos logo exemplificar. Tomemos o caso da parábola da rede, encontrada nos evangelhos de Mateus e Tomé,

mencionada anteriormente. Na verdade, a versão de Mateus (13,47-50) constitui-se numa alegoria, já que a rede é imagem que aponta para o “fim do mundo”, os pescadores apontam para os anjos, o “tudo” representa a humanidade, “o que é bom” corresponde aos justos e “o que não presta” alude aos maus. No texto de Mateus, a temática não é primariamente a do trabalho na pesca; pelo contrário, este serve de recurso para introduzir a temática real e primordial, a do julgamento.

Desta maneira fica claro que a alegoria, ao contrário da parábola, sempre pode ser convertida e interpretada por um texto que se entende por si mesmo; uma vez que este tenha sido decifrado, o texto alegórico se torna dispensável. Pode-se dizer que a alegoria expressa aquilo que poderia ser expresso de outra maneira mas não o é por vários motivos; ela precisa de um conhecimento correto para ser compreendida e pode ser abandonada quando sua mensagem é compreendida. No caso da parábola/alegoria da rede, só quando esta é identificada com o julgamento torna-se possível a compreensão proposta pelo conjunto do texto.

Assim, a alegoria é um relato que justapõe duas realidades que se colocam em correspondência, sendo que uma delas, a que é posta em evidência é imagem da outra, que é atingida então de forma indireta. Ela fala algo e ao mesmo tempo outra coisa. Daí que se trata necessariamente de um texto complexo, que joga com imagens e realidades de diversas proveniências, que são colocadas em correspondência. Portanto, para sua compreensão é necessária uma “chave” interpretativa que permita perceber o paralelismo dos discursos. No tocante ao Novo Testamento (não só no caso das parábolas), as Escrituras parecem ter sido o código privilegiado, a chave que possibilitou esta tradução/correspondência. Isso aponta para o caráter subordinado e secundário da alegoria, já que se mostra fruto de uma reflexão continuada. Só quem conhece a história de Sara e Agar em Gênesis 16 e 21 poderá compreender (e, certamente, estranhar) a alegoria quase absurda, tamanho seu caráter de provocação, que Paulo faz em Gálatas 4,21-31. Ele não está interessado em falar de Sara e Agar como personagens da história, mas da escravidão e da liberdade, justificando sua postura diante da Lei, servindo-se de duas figuras bastante conhecidas e caracterizadas. Justamente aí está o caráter da hermenêutica alegórica: ela se mostra de grande valia sempre que os relatos (parabólicos ou não) são orientados a serviço de interesses situados fora deles.

O mundo da alegoria é bastante extenso e sugestivo, já que lida com imagens que não falam diretamente, mas, pelo contrário, despertam a curiosidade, a fantasia e “falam” de forma toda particular, através de alusões, insinuações e comparações. A alegoria se desenvolve porque excita a curiosidade e a criatividade. Isto explica a abundância deste procedimento nas Escrituras (Isaías 5,1-7; Daniel 7; o livro de Ezequiel está “recheado” de alegorias; João 10,1-21; 15, 1-8; Apocalipse 12-13; e tantos outros). Não é de se admirar que os textos provenientes da apocalíptica sejam os mais ricos na utilização de alegorias.

A alegoria é fruto de reflexão continuada, supõe o conhecimento, por parte de um grupo, de um determinado “código” que possibilite sua interpretação. Daí que ela de alguma forma caracteriza um pouco a identidade deste grupo, suas preocupações, seus referenciais, seus posicionamentos. Então se entende que ela tenha um caráter “esotérico”, como lemos em Marcos 4,33-34: aos discípulos as parábolas são explicadas “em particular”. As alegorias têm, nas comunidades cristãs primitivas

vas, a função de reforçar suas identidades, caracterizando sua compreensão da prática de Jesus e possibilitando a reação diante dos desafios e dos conflitos ideológicos.

As parábolas foram textos privilegiados em que se aplicou, muito rapidamente, o procedimento alegórico, embora este não esteja restrito a elas. Há vários motivos que justificam a transformação das parábolas em alegorias. Entre eles, deve-se mencionar um, talvez o mais importante. Trata-se do fato de que a parábola recolhe elementos muito circunstanciais da realidade. Traz à tona facetas muito elementares do cotidiano. Na medida em que o texto parabólico vai sendo transmitido e passado à frente, o que acontece é uma tendência de se perder o chão contextual que lhe deu origem. Vai-se o texto, fica o contexto. E o texto fica então “solto”, sem referencial. Aí entram as Escrituras, à luz de que os elementos das parábolas serão interpretados. Faz-se então o processo de inserção das palavras de Jesus na tradição das Escrituras. Teremos oportunidade de verificar este processo, da maior importância para a compreensão das origens do cristianismo.

É verdade que muitas parábolas foram alegorizadas, segundo nos mostram a tradição sinótica, o evangelho de João e diversos escritos do cristianismo primitivo. Mas muitas outras deixaram de sê-lo, como podemos ver na própria tradição sinótica, bem como no evangelho de Tomé, de que se falará ainda. Portanto, a alegorização não foi o único caminho de interpretação das parábolas no cristianismo primitivo. Importa não perder isto de vista, considerando algumas leituras alegorizantes que são muito correntes entre nós, como por exemplo da parábola dos talentos: cabe na imagem de Deus comunicada pelo evangelho de Mateus a compreensão de que ele é um “homem intratável, que colhe onde não semeou e ajunta onde não espalhou”? Ora, esta é a qualificação atribuída e assumida pelo senhor da parábola (veja Mateus 25,24.26), no qual se costuma ver a figura de Deus! Não será necessário ler o relato parabólicamente e ver, quem sabe, no escravo que recebeu um talento, aquele que desmascarou a imoralidade nas ações e pretensões do seu senhor?

JESUS DE NAZARÉ, PARÁBOLAS, ALEGORIAS E REINO DE DEUS

Todas estas considerações são compreensíveis na medida em que percebemos que entre os grupos seguidores de Jesus não houve apenas a preservação das palavras e atitudes do mestre, mas interpretações, adaptações e criações. Deve-se fazer este alerta para que se evite um esquema muito simplista, porém bastante comum, que se encontra nos diversos livros sobre o assunto: segundo eles, Jesus falou parábolas, a igreja primitiva produziu alegorias (originais ou reinterpretadas de parábolas). Neste esquema as parábolas de Jesus são de conteúdo polêmico, as alegorias da igreja primitiva são exortações internas que visam orientar o comportamento dos membros das comunidades. Este esquema possibilitou que a abordagem das parábolas apontasse para esta ou aquela imagem de Jesus. Mais ainda, se o conteúdo primordial da pregação de Jesus é a vinda do reino de Deus, as parábolas foram então consideradas instrumentos pedagógicos privilegiados, destinados a ilustrar a realidade deste reino.

Há, porém, algumas questões a serem colocadas. Em primeiro lugar, deve-se

notar que Jesus não está isolado de seu grupo; ao contrário, é líder de um movimento, de modo que a separação entre ele e seus seguidores deve ser colocada em outros parâmetros. Como perguntar não ofende, a separação convencional de Jesus frente a sua comunidade não acabou aproximando-o mais das hierarquias de plantão? As parábolas não podem acabar sendo instrumentalizadas para definir este ou aquele rosto de Jesus?

Além disso, pode-se perguntar: se o mundo da igreja primitiva é o da alegoria, como explicar o fato de que muitas parábolas encontradas nos evangelhos, obras surgidas no âmbito das comunidades, foram conservadas sem traços alegóricos? Não é necessário pensar em grupos seguidores de Jesus cuja dinâmica pode conservar e, quem sabe, criar parábolas? Deve-se superar a distinção artificial, que mesmo na teologia latino-americana se fez, entre um Jesus politizado, revolucionário até em sua praxis e discurso e comunidades introvertidas, pouco ocupadas com as questões do cotidiano das pessoas. E, no que diz respeito à vinculação entre parábolas e reino de Deus, ela só é viável a partir da compreensão abrangente de todas as imagens da parábola, na medida em que esta pode estar apontando para um traço fundamental do mesmo.

PARÁBOLAS DE JESUS FORA DO NOVO TESTAMENTO? O EVANGELHO DE TOMÉ

Em 1945 foi descoberta, por acaso, numa aldeia do Egito chamada Nag Hammadi, uma antiga coleção de livros, feitos de papiro, que deveriam ter pelo menos 1500 anos. Trata-se de uma série de escritos cristãos cuja existência era então quase totalmente desconhecida. De alguns dos títulos sabia-se apenas da sua existência. Entre estes, havia um tal “evangelho de Tomé”, que logo despertou o interesse dos estudiosos, por sua estreita semelhança com os evangelhos que encontramos no Novo Testamento, ao mesmo tempo que parece absolutamente original, seja na sua forma, seja nos conteúdos que apresenta. Quanto à forma, trata-se de um conjunto de 114 sentenças, apresentadas uma após a outra, às vezes com ligeira introdução. Mas não há qualquer referência a lugar, contexto ou situação em que este ou aquele dito teria sido pronunciado. Não se trata, portanto, de uma narrativa, mas de uma coleção de frases e ditos. No seu conteúdo não há qualquer menção a episódios da vida de Jesus ou seus milagres. Não se fala de qualquer profecia que nele se tivesse cumprido. E não há qualquer alusão à sua morte e ressurreição. Apenas provérbios, sentenças, que versam sobre o reino de Deus e sobre aspectos do comportamento cotidiano, criticando aspectos da ordem social estabelecida. O Jesus que aí fala se apresenta como um sábio presente entre seus seguidores, o Vivente que comunica palavras de vida.

Há um consenso entre os estudiosos de que o evangelho de Tomé descoberto em Nag Hammadi, escrito na língua copta, é tradução de um texto grego, provavelmente escrito na Síria. Suas origens são muito remotas, havendo quem o situe na segunda metade do século primeiro. Ou seja, o evangelho de Tomé seria contemporâneo dos evangelhos canônicos!

Isto coloca possibilidades interessantíssimas para a compreensão de como as palavras de Jesus foram compreendidas entre os variados grupos que o seguiram.

Mas aqui um problema se coloca. O que se percebe, de forma muito marcante, é que, apesar de tudo o acima exposto, os diversos estudiosos abordaram o evangelho de Tomé com extrema reserva, para não dizer preconceito. Acusa-se o escrito de ser tendencioso, manipulador dos escritos canônicos, herético, não servindo, portanto, como fonte para a compreensão das palavras de Jesus e da história dos seus primeiros seguidores. Esta postura de descrédito é endereçada ao todo do evangelho de Tomé.

A questão é complexa, mas podemos tecer aqui alguns comentários. O evangelho de Tomé foi considerado, nos séculos segundo e terceiro, uma obra herética por alguns dos chamados Padres da Igreja, representantes da ortodoxia que começava a se elaborar e impor no meio das igrejas. Ele foi assim considerado, particularmente, devido ao seu uso por alguns grupos cristãos, que chamavam a si mesmos de “gnósticos”, ou seja, pessoas em busca do conhecimento verdadeiro. Estes grupos enfatizavam a vida comunitária sem estabelecer vínculos com autoridades e hierarquias eclesiais, compreendendo, portanto, de forma diferente seu vínculo com Jesus. Daí o conflito inevitável entre os que se intitulavam “ortodoxos” e os “gnósticos”, que não se deu apenas no plano das doutrinas, mas principalmente no campo da organização e da vida da igreja. Foi nesse ambiente conflitivo que se definiu a lista dos livros do Novo Testamento, obviamente por obra dos “ortodoxos”. Ora, a qualificação de um escrito como o evangelho de Tomé como herético o desqualificaria também como documento que conserva palavras de Jesus? Só o ortodoxo é autêntico, antigo e legítimo? Esta é justamente a pretensão de todas as ortodoxias, tanto ontem como hoje!!!

Porém, ao contrário do que se tem dito normalmente, as pesquisas mais recentes têm sugerido que há uma real independência do evangelho de Tomé frente aos evangelhos canônicos. Seu gênero literário (coletânea de sentenças) precede a composição de diálogos e de textos narrativos que as incorporem e aprofundem. Pode-se recordar aqui o caso do documento “Q”, coletânea de sentenças como Tomé, que serviu de base para a criação de narrativas como os evangelhos de Mateus e Lucas. Além disso, o fato de Tomé ser considerado por muitos um evangelho “gnóstico”, portanto herético, não depõe contra a antiguidade das tradições por ele conservadas. O fato de o evangelho ter sido usado pelos gnósticos dos séculos segundo e terceiro não apontará para uma origem mais remota do escrito? E, principalmente, a comparação individual dos textos de Tomé e seus paralelos canônicos mostra que estes trazem versões mais rebuscadas e desenvolvidas. Assim, o evangelho de Tomé parece representar uma tradição proveniente de grupos seguidores de Jesus, que correu à margem daquela que se tornou hegemônica no cristianismo posterior, hierarquizado, patriarcal e oficial. A tarefa que se coloca para nós, que na América Latina somos vítimas de tantos genocídios étnicos e culturais em nome de valores e verdades impostas como absolutas e definitivas, é a de resgatar a memória de homens e mulheres que, com seu jeito e de maneira criativa, perceberam-se vinculados à pessoa de Jesus e a seu ensinamento e viveram experiências eclesiais bastante particulares. Este caminho ainda está por ser feito.

O evangelho de Tomé contém várias parábolas, algumas delas paralelas àquelas que lemos nos evangelhos do Novo Testamento. Se levamos a sério os pontos que destacamos acima, no estudo das parábolas as versões encontradas no evangelho

de Tomé deverão ser consideradas e analisadas junto com aquelas encontradas no Sinóticos, para uma adequada compreensão do desenvolvimento das parábolas entre os primeiros grupos seguidores de Jesus. Vamos verificar as possibilidades hermenêuticas acima apresentadas na consideração de duas parábolas, a do semeador e a dos vinhateiros. Vamos nos deter mais nesta última. Consideraremos particularmente a versão de Tomé e a de Marcos, visto que esta é quase unanimemente reconhecida como fonte para Mateus e Lucas.

A PARÁBOLA DO SEMEADOR: DOR E ESPERANÇA

Vamos aqui buscar a compreensão da parábola do semeador, fazer a pergunta pelo processo de transformação da parábola em alegoria, e finalmente procurar entender a alegoria do semeador no evangelho de Marcos.

Primeiramente tomemos contato com o texto que encontramos no evangelho de Tomé, parágrafo 9: *Jesus disse: Eis que o semeador saiu, encheu sua mão e semeou. Por um lado, algumas (sementes) caíram no caminho: os pássaros vieram e as recolheram. Outras caíram nas rochas e não criaram raízes profundas nem fizeram as espigas elevarem-se para o céu. Outras caíram sobre os cardos, que sufocaram a semente e os vermes a comeram. E outras caíram em boa terra, que fez elevar-se bom fruto em direção ao céu, produzindo sessenta por medida e cento e vinte por medida.*

Evidentemente, aqui temos uma versão da parábola do semeador, semelhante, em linhas gerais, ao texto de Marcos 4,3-8. Também aqui, como víamos no caso da parábola da rede, o texto canônico é seguido de uma explicação que dá a chave para a compreensão das imagens do semeador, da semente e dos vários tipos de solo em que a semente cai (Marcos 4,13-20). Esta explicação é completamente ausente no texto de Tomé. O que temos, portanto, é que Tomé conservou o dito de Jesus para ele ser lido como uma parábola, enquanto o de Marcos pede uma leitura alegórica. Esta não é imediata, precisa ser anunciada, exposta explicitamente. Ou seja, no tocante à parábola do semeador a parábola original, sem a alegoria, e a parábola em Marcos não têm as mesmas intenções e conteúdos. Na consideração da parábola, o que então se requer é que se olhe para a realidade que ela mesmo apresenta: o trabalho do camponês.

Em que circunstâncias se dava tal trabalho? Várias informações, inclusive do próprio Novo Testamento, dão conta de que a situação no campo é de extrema penúria. Há grandes extensões de terra na mão de poucos, particularmente romanos ou seus representantes. As aristocracias de Tiberíades e Jerusalém eram também proprietárias de muitas terras, em geral as mais férteis. A produção visava particularmente a exportação. Uma parábola como a que lemos em Mateus 20,1-15 mostra bem a situação: desemprego e regimes precários de trabalho (no caso, o de diarista). Nossa parábola fala de um trabalhador “livre”. Mas é de se estranhar: que absurdo! Seu trabalho se dá no lançar sementes à beira do caminho, na pedra, entre espinhos e, finalmente, em terra boa... Seria ele um trabalhador relaxado? Ou deve estar em situação absolutamente precária... Não é possível passar por alto: a parábola chama a atenção para as duras condições de trabalho dos camponeses pobres, convoca para a percepção de uma realidade que é narrada!

Porém o texto não é lamento. Ele faz pensar sobre o absurdo da situação concreta do trabalho camponês. Mas aponta para outro horizonte: o da fartura e o da produção abundante. Na verdade as três primeiras etapas do trabalho do camponês aparecem num crescendo, apontando para a semeadura em terra boa, com o resultado esperado. A persistência do trabalhador terá sua recompensa. Além disso, deve-se notar que o texto não fala de destinatário da produção. Mas essa pergunta é inevitável, na medida em que se sabe que por impostos variados o trabalhador tinha de entregar boa parte de sua produção. No horizonte do texto o destinatário da produção não pode ser senão o semeador! Nossa parábola se atreve a propor a utopia da terra libertada... Aqui está o objetivo da parábola, seu interesse principal: ousa apontar novas perspectivas, novas relações. Ela sonha, ao mesmo tempo que provoca. Que ressonância não teria provocado nos ouvidos de gente arrancada de sua terra ou que nela sobrevive precariamente? Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

Esta compreensão da parábola foi conservada pelo evangelho de Tomé. Podemos percebê-la também no texto de Marcos se isolamos os v.3-8 do contexto do capítulo 4. Porém é evidente que em Marcos a parábola tem como objetivo primordial não o trabalho do camponês. Este, com seus fracassos e expectativas, serve de imagem para outra realidade bem distinta.

A semente é uma imagem muito fértil para se falar do caminho da palavra de Deus na vida do povo. Vários cânticos o atestam: “a semente cai na estrada/ é pisada, machucada e não poderá crescer/ só no coração que ama/ a semente nasce e cresce e dá frutos cem por um”. E em comunidades camponesas a imagem é ainda mais contundente: “a semente da palavra se espalhou/ caiu no campo, coração de lavrador (...)/ e na colheita vai ter festa, sim, senhor”. Certamente estes cânticos e tantos textos que vinculam semente e Palavra se inspiram em Marcos 4, a versão mais conhecida dessa associação. Mas de modo algum Marcos 4 é original em ligar semente e Palavra. Lemos o seguinte em Isaías 55,10-11: *Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não torna a mim sem fruto; antes, ela cumpre a minha vontade e assegura o êxito da missão para a qual a enviei.*

Parece que este texto de Isaías foi o ponto de partida para a compreensão da parábola do semeador em linha alegórica. Nas comunidades, o confronto das palavras de Jesus com textos das Escrituras possibilitou tal interpretação. Isso aponta para o fato de que Marcos 4,13,20, que interpreta Marcos 4,3-8, só pode ter surgido no ambiente das comunidades seguidoras de Jesus, e só aí tem sentido. Justamente este é o sentido da inserção, entre a parábola e sua interpretação, do texto de Marcos 4,10-12, uma citação de Isaías 6,9-10, que afirma justamente que as parábolas não são compreensíveis “aos de fora”, ou seja, a quem não está na comunidade! Falar em parábolas é pronunciar um dito que não se compreende adequadamente na superfície. É necessária uma chave de compreensão. E esta só se encontra na comunidade, que lê as Escrituras. A pertença à comunidade é condição indispensável para que as parábolas não se tornem misteriosas e incompreensíveis; aliás, é para a comunidade que é dado a conhecer “o mistério do reino de Deus”.

Este procedimento alegórico, fazendo uso de textos e tradições provenientes da Escritura, mostra bem como as comunidades primitivas entendiam a pessoa e as

palavras de Jesus em continuidade com a história do povo de Israel. A comunidade de Marcos não se sentia em contraste, ruptura ou cisma em relação à sinagoga; pelo contrário, o que lemos no evangelho é a inserção das palavras de Jesus na tradição de Israel, o que não significa que não tenha havido debates, conflitos e diálogos.

Justamente a alegoria criada por Marcos visa marcar posição, apresentar o modo como seu grupo lê tradições do passado e as atualiza. Podemos até notar que a parábola de Marcos está “ajeitada” em função da alegoria que ele propõe. Note-se que no texto de Tomé (e também em Lucas 8,6!) a segunda parte da semente caiu “na pedra”. Marcos altera a palavra para “solo pedregoso” (Marcos 4,5), fazendo então a planta nascer (4,6), pois só assim é possível a reflexão correspondente em 4,16-17. E aí a correspondência é perfeita: Marcos 4,3 é explicado em 4,14; 4,4 em 4,15; 4,5-6 em 4,16-17; 4,7 em 4,18-19; e finalmente 4,8 recebe sua explicação em 4,20.

Quais são as preocupações de Marcos ao propor esta alegoria como compreensão da parábola do semeador? Obviamente ele está preocupado com a acolhida da Palavra, fator de articulação e coesão da comunidade. E, pela atenção que dá às partes da semente caídas em terra pedregosa e entre espinhos (cada uma delas recebe explicações de dois versículos, mais até do que a semente caída em boa terra!), parece que Marcos vê a comunidade ameaçada por tribulações ou perseguições, de um lado, e as preocupações próprias do mundo, como a sedução pela riqueza e outras ambições. Para Marcos justamente é necessário permanecer firme diante da perseguição (Marcos 10,30; 13,19.24). E a única pessoa, no evangelho de Marcos, que recusou seguir a Jesus, ou seja, estar na sua comunidade, foi o homem rico de Marcos 10,17-22! Seguir os esquemas do mundo é o que mais dificulta a acolhida da Palavra. Libertar-se deles e, se necessário, enfrentá-los é o caminho para que a Palavra seja acolhida e produza frutos abundantes; aliás, os frutos da Palavra exatamente são alternativos ao esquema reinante. E lembremo-nos que Marcos apresenta Jesus contando a parábola “sentado no mar” (Marcos 4,2)! Imagem estranha, mas com pleno sentido. Mar, na tradição apocalíptica é o lugar donde surgem as forças monstruosas dos impérios (veja Daniel 7; Apocalipse 13). No evangelho de Marcos Jesus aparece sempre agindo à beira mar: lá forma sua comunidade (Marcos 1,16-20; 2,13-14) e reúne as multidões, lhes fala e cura as enfermidades (Marcos 3,7-12), expulsa o demônio-legião (Marcos 5,1-20). Finalmente, põe o mar sob controle (Marcos 4,35-41). A Palavra de Jesus é força para enfrentar o império, resistir a suas seduções e perseguições... Tudo isso terá ainda mais sentido se o texto de Marcos tiver sido escrito em algum lugar da Galiléia nos anos da Guerra Judaica (66-70 e.C.), que opôs o povo judeu às forças imperialistas de Roma. É necessário não se entregar, não fazer o jogo dos que se julgam vitoriosos...

A PARÁBOLA DOS VINHATEIROS: A REBELDIA EM BUSCA DA HERANÇA

Várias são as razões a justificar que se dedique mais tempo à parábola dos vinhateiros (Marcos 12,1-12; Mateus 21,33-46; Lucas 20,9-19; Evangelho de Tomé parágrafo 65). Primeiramente chama a atenção a conflitividade explícita manifesta nos relatos, cujas imagens nos remetem às realidades do trabalho rural e às precárias condições de vida da população camponesa da Galiléia. Tudo isso é de extrema atualidade e pertinência também hoje, no quadro do dia-a-dia da vida das pessoas.

A questão da terra, tendo em vista a conjuntura atual e particularmente a situação fundiária de nosso país, nos é apresentada de forma dramática. É quase caricatura o descaso e a forma desavergonhada com que os governos (principalmente o atual) têm tratado a questão. Particularmente interessará aqui refletir a partir da situação de violência aí reinante, cuja responsabilidade é atribuída, pelos setores dominantes e pela imprensa com eles comprometida, aos grupos dos camponeses e dos sem-terra. Basta-nos recordar, para não irmos tão longe no tempo, os episódios dramáticos de Corumbiara, no estado de Rondônia. A parábola é normalmente apelidada como “a parábola dos vinhateiros homicidas”. Este qualificativo “homicidas”, atribuído aos vinhateiros, não é ingênuo. Não apenas indica que os lavradores mataram. Mais, expressa uma avaliação, um julgamento da conduta dos mesmos. Orienta o olhar de quem lê sobre sua maldade, entendida como desmedida, sem-sentido e inaceitável. É necessário, porém, ir com cuidado. Seria mera coincidência notar que, também hoje, são sempre os sem-terra os acusados pela violência, e só mais tarde é que se descobre, sem muito alarde, que a violência quase sempre é provocada pelos aparatos policiais?

No caso de nossa parábola, deve-se levar em conta que o ciclo da violência é anterior à ação dos vinhateiros. O enfoque da parábola não apontaria para a necessidade de relacionar a conflitividade nela expressa primeiramente com as formas de resistência no dia-a-dia da população camponesa cuja situação precária já destacamos? Com isto deixamos de vincular a parábola de forma imediata à prática dos grupos organizados de resistências existentes na Galiléia do século primeiro. Corumbiara não se explica primeiramente pela existência de um movimento dos sem-terra, mas pela existência dos próprios sem-terra...

Esta preocupação faz surgir outra: a interpretação convencional da parábola dos vinhateiros pouco ou nada fala das questões acima destacadas. O texto fala de uma realidade, mas parece sugerir outra. Qual a legitimidade desta “transposição”? Aqui a questão acima discutida, relativa à alegoria e sua relação com a parábola, apresenta-se de forma dramática. A questão se complica porque, se há uma alegoria apresentando-se como interpretação da parábola, esta alegoria não aparece como texto à parte, como no caso da parábola do semeador, mas no interior do próprio texto da parábola. Haveria então uma parábola distinta da alegoria? Isto explica que, quando lemos as interpretações que os exegetas propõem da parábola dos vinhateiros, o que aí encontramos é uma leitura que faz da parábola um antecedente da alegoria. Segundo vários estudiosos a alegoria que encontramos em Marcos 12 nada mais é que uma explicitação do sentido pretendido por Jesus com a parábola.

Além disso, a parábola dos vinhateiros aparece, de forma marcante, como um texto bastante complexo em suas versões sinóticas e muito “carregado” pela interpretação cristológica e dogmática. O reconhecimento da importância da versão da parábola conservada pelo evangelho de Tomé faz com que um exercício metodológico de abordagem deste complexo de textos se mostre deveras instigante. E aqui o outro problema se coloca: a maioria dos estudiosos simplesmente descarta ou ignora a versão de Tomé, porque ela não traz qualquer traço que permita sua leitura em linha alegórica. Isto é muito significativo: em Tomé encontramos uma narrativa que deve ser lida de forma parabólica!

De qualquer maneira, esta parábola é considerada por muitos estudiosos uma

das mais complexas entre todas as que nos foram conservadas. Isso só faz o desafio se tornar ainda mais excitante.

Nesta esteira, nosso estudo quer verificar a viabilidade de se considerar a pertinência da parábola dos vinhateiros, não alegorizada, não tanto no contexto da vida e pregação de Jesus, mas na dinâmica da vida dos primeiros grupos que seguiram a Jesus. E para tal empreitada é decisiva a contribuição do evangelho de Tomé. Vamos pausadamente. Vejamos primeiramente o que os estudiosos têm dito a respeito dela.

20

O que se tem dito da parábola

Parece que se pode delinear um quadro, no tocante à interpretação da parábola dos vinhateiros pela investigação mais recente, em que três linhas de leitura se destacam de forma preponderante.

Uma primeira tendência se mostra marcada pesadamente pelo influxo da dogmática tradicional, e tende a interpretar a parábola a partir de sua versão em Marcos, de cunho claramente alegórico e cristológico, supondo-se que esta significação já fora proposta pelo Jesus histórico. Aí a versão de Tomé, se não é ignorada, pouco influi no esforço de compreensão da parábola. Esta tendência é a mais corrente entre os estudiosos e a mais comum na utilização pastoral do texto da parábola. Segundo esta leitura, Jesus estaria aí propondo uma síntese da história da salvação: Deus (representado pelo homem senhor da vinha) propôs uma aliança (representada pela vinha) a seu povo Israel (representado pelos vinhateiros). Enviou os profetas (os escravos) para verificar e recolher os frutos. Mas os profetas não tiveram sucesso em sua empreitada, e Deus enviou o filho amado (evidentemente, o próprio Jesus), que acabou sendo morto. Deus decide, portanto, entregar a vinha a outros (com toda certeza, a Igreja cristã).

É essa, talvez de forma muito resumida ou caricaturada, a leitura que convencionalmente se faz da parábola. Nos lábios de Jesus, ela apontaria para a consciência que ele tinha de seu destino trágico e de sua filiação divina, bem como da missão que seus seguidores teriam na história.

Outros pesquisadores, fixos na significação cristológica da parábola, não vêm meios de atribuí-la ao Jesus histórico e propõem que sua origem se deve à vida da igreja primitiva no seu processo de interpretação da pessoa e missão de Jesus dentro da história de Deus com seu povo. O texto é fundamentalmente uma alegoria. E seu conteúdo permanece, em grandes linhas, inalterado.

Outros ainda, partindo de uma distinção radical entre parábola e alegoria, propõem novos significados à parábola, distintos e anteriores à alegoria cristológica que permeia as versões sinóticas da parábola, mas que parece estar ausente da versão de Tomé.

É diante deste quadro que nos situamos, desafiados a fazer uma leitura dos textos da parábola em Tomé e nos Sinóticos. Levando em consideração todos os fatores que anteriormente destacamos, vamos propor aqui uma história, certamente bastante complexa, que vai desde o surgimento da parábola dos vinhateiros até a alegoria da vinha, cuja primeira versão escrita lemos no evangelho de Marcos (12,1-12).

A parábola dos vinhateiros

Na comparação das versões da parábola em Tomé e nos sinóticos nota-se que dificilmente Tomé pode ser considerado secundário ou dependente dos sinóticos. Pelo contrário, parece muito mais plausível reconhecer que a versão de Tomé, mais curta, sem elementos tirados das Escrituras ou traços alegorizantes, conserve, em suas grandes linhas, uma tradição mais antiga da parábola que aquela que encontramos em Marcos e nos demais sinóticos. Podemos visualizá-lo mais claramente lendo o parágrafo 65 do evangelho de Tomé:

Ele disse: Um homem (aqui se segue uma palavra corrompida no manuscrito copta de Nag Hammadi) tinha uma vinha. Ele a entregou nas mãos de operários, para que a trabalhassem, a fim de receber de suas mãos o fruto da vinha. Ele enviou seu servo para que os operários lhe entregassem o fruto. Eles pegaram seu servo, espancaram-no e faltou pouco para que ele não morresse. O servo foi embora e contou a seu senhor o ocorrido. Seu senhor disse: 'Talvez ele não os tenha reconhecido'. E enviou outro servo: os operários também o espancaram. Então, o senhor enviou seu filho. Ele disse: 'Talvez eles tenham respeito por meu filho'. Os operários, quando tomaram conhecimento de que se tratava do herdeiro da vinha, pegaram-no e o mataram. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

Afirmando-se a dependência de Tomé frente aos sinóticos seria muito difícil explicar, entre outras coisas, a ausência, em Tomé, da punição aos vinhateiros após a morte do filho na vinha, bem como de todas as menções à Escritura que encontramos nas versões dos sinóticos.

A comparação das quatro versões, que não pode ser apresentada aqui em todos os detalhes, aponta para os possíveis contornos que teria, portanto, a parábola em seus estágios iniciais. Ela parece começar com esta frase: "um homem tinha uma vinha, entregou-a a lavradores e viajou". Os cuidados com a vinha (cerca, torre, lagar) parecem ser tirados de Isaías 5. O envio de escravos para receber a produção deve ter sido duplo, como lemos em Tomé. O envio do filho se justifica não por qualquer motivação cristológica, mas por causa da lógica da narrativa: só com a morte do herdeiro os lavradores podem pensar em se apossar da herança. O qualificativo "amado", atribuído ao filho (presente em Marcos e em Lucas, mas ausente em Tomé e Mateus), é com certeza secundário, e pretende facilitar a identificação com o próprio Jesus (Marcos 1,11; 9,7).

Quanto à morte do filho, ela acontece, em Marcos, dentro da vinha, e não fora, como querem Mateus e Lucas. Estes estariam, com esta inversão, querendo aludir mais explicitamente à morte de Jesus fora de Jerusalém. Se isto for plausível, confirmar-se-ia então que a tradição que transmitiu a parábola a Marcos não a via necessariamente sob a ótica cristológica.

A parábola termina com a morte do filho. A reação do dono da vinha é ausente em Tomé e parece depender de Isaías 5,4. E a citação do Salmo 118 é um acréscimo posterior à parábola, destinado a realçar sua significação cristológica (uma alusão à ressurreição?).

Temos então uma parábola que fala de um grupo de trabalhadores que, para não entregar o fruto do seu trabalho ao dono da vinha, acaba agindo de forma violenta, seja espancando escravos, seja matando o herdeiro da vinha. Que sentido terá tido a parábola nesta versão, que corresponde, em suas grandes linhas, àquela que lemos

em Tomé? Ela, mais uma vez, problematiza a questão fundiária da época, de concentração da propriedade, e da conversão de boa parte da população camponesa em diaristas, escravos e, em nosso caso, em arrendatários (uma espécie de “meeiro”, muito conhecido em nosso interior). O conflito entre proprietário e arrendatários é, portanto, fundamentalmente de ordem socioeconômica. O ambiente agrário apresentado na parábola é potencialmente conflitivo. Neste aspecto é significativo notar que no início da versão de Tomé, a palavra que se segue a “homem”, corrompida no manuscrito copta e que os estudiosos se apressaram em propor bom, honesto, pode, com mais probabilidade, significar “rico” ou “credor”.

Há, portanto, uma situação de conflito anterior à ação, sem dúvida violenta, dos vinhateiros. A explosão do conflito se dá no momento da colheita, ou melhor, na hora do acerto de contas, tradicionalmente tenso. Em nossa narrativa os lavradores estariam aí usurpando direitos e bens alheios ou na defesa do produto do seu próprio trabalho? Levando-se em consideração estas circunstâncias, teríamos aqui maus arrendatários ou bravos arrendatários?

O envio do filho se mostra claramente como uma medida do proprietário visando intimidar os lavradores. É a figura do herdeiro que vem buscar a submissão e a resignação dos trabalhadores. Este objetivo está implícito na frase do senhor “respeitarão o meu filho”. Mas o texto apresenta, na boca dos lavradores, outro conceito de “herança”, pois esta palavra, desde os primeiros livros das Escrituras, expressa a posse da terra pelo povo, por obra e dom de Javé. Não estariam os vinhateiros buscando a retomada da herança que, de alguma maneira, lhes foi tomada? A explosão da violência por parte dos vinhateiros, atitude de reação, foi o caminho assumido para reafirmar sua dignidade de herdeiros, e não o ato vergonhoso e abominável de usurpadores.

Parece, portanto, que a parábola simpatiza com a ação resistente dos lavradores. Particularmente por não trazer a reação do dono da vinha, mais que previsível, o foco se centra especialmente na persistência e resistência dos lavradores, e não tanto na violência por eles praticada. A tentativa de intimidá-los não alcançou seus objetivos; pelo contrário, estimulou a reação. Trata-se, sem dúvida, de uma história chocante, impressionantemente atrevida sobre pessoas que viram sua situação e decidiram agir: é necessário recuperar a herança!

Dessa maneira, a parábola parece representar uma tomada de posição contra o estado de coisas reinante nos campos da Galiléia. Ela questiona sobre as formas e caminhos possíveis à população para recuperar a dignidade de herdeira da terra que lhe foi arrancada. Para poder usufruir do produto do seu trabalho, até a violência acaba por vezes sendo inevitável: que absurdo! Que isso choque ou assuste... ora, não é outra a função de uma parábola.

Da parábola dos vinhateiros à alegoria da vinha

Como tantas outras, nossa parábola também sofreu um processo de alegorização, inclusive em linhas diferentes. Numa obra do cristianismo primitivo chamada “Pastor de Hermas” encontramos uma leitura alegorizada da parábola bastante diferente daquela que encontramos nos evangelhos canônicos. Mas nos interessa aqui a versão encontrada no evangelho de Marcos, e da qual dependem os textos de Mateus

e Lucas. Deve-se recordar aqui que a alegoria está embutida no próprio texto da parábola, o que exige maior atenção para sua identificação.

O que terá motivado a transformação da parábola em alegoria? Primeiramente o caráter absolutamente escandaloso da parábola. Mas a própria pergunta pelo desfecho da história era natural: o que terá acontecido aos lavradores? Qual terá sido a reação do dono da vinha? Mas também a influência das Escrituras foi decisiva, a começar de Isaías 5, que apresenta a vinha como imagem do povo de Israel (v.7). Com isso toda a história contada na parábola passa a ter outra significação. O proprietário da vinha passa a ser imagem de Deus (e recebe, com a citação dos cuidados todos que tomou quando da plantação, todo um contorno positivo que anteriormente não tinha). Os escravos são figura dos profetas (veja Amós 3,7; Jeremias 7,25; 25,4; 26,5; 29,19), e o filho, agora “amado”, se identifica claramente com Jesus. A reação do dono da vinha, que se inspira em Isaías 5,4, passa a ter o sentido da reação de Deus diante da morte de seu filho. E a citação do Salmo 118 vai apontar para a glorificação daquilo que foi rejeitado (tanto o filho como a pedra). De qualquer maneira, foi o acréscimo do que é o v.9 no texto de Marcos 12 que determinou o processo de reinterpretação da parábola e sua conversão progressiva em uma alegoria cristológica. Os vinhateiros, cuja ação era motivo de destaque, agora são figura das autoridades do templo (v.12; veja Marcos 11,27), que assassinam os profetas e Jesus. Não deixa de haver aí um toque de fina ironia: servem de imagem da classe dirigente, boa parte feita de grandes fazendeiros, aqueles que por ela mais eram aviltados e desclassificados, rotulados como rebelados, agitadores e bandidos. A acusação de Marcos é muito dura: “vocês, autoridades, agem da mesma maneira violenta que aqueles que vocês acusam. Só que vocês agem assim em relação aos enviados de Deus”! Se levamos em conta que Marcos está escrevendo em alguma região da ou próxima à Galiléia, pouco tempo antes da destruição de Jerusalém pelos romanos, a denúncia da parábola/alegoria se mostra ainda mais eloqüente: está próximo o fim daqueles que se apossaram da vinha de Javé; os dias da elite tradicional do sinédrio estão contados.

Em Marcos, a alegoria tem pelo menos duas conotações bastante interligadas: a cristológica e a polêmica. Quanto à cristologia, parece que Marcos a recebeu da tradição que lhe era imediatamente anterior e a reforçou. É fundamental, portanto, destacar o realce polêmico que Marcos dá a seu texto, particularmente pela inserção dele no “discurso parábólico” de Jesus. Note-se que a parábola é dita “contra” as autoridades do Templo (e não simplesmente “sobre” — v.12). Ao mesmo tempo encontramos nela uma leitura muito particular das Escrituras e de elementos da tradição religiosa e cultural de Israel do século primeiro, visando justificar a existência de uma comunidade que, em processo de diálogo (e afastamento) com a sinagoga, busca seu lugar na história da relação de Deus com seu povo.

Com isso encerramos a trajetória que vai do texto da parábola dos vinhateiros à sua versão alegorizada registrada no evangelho de Marcos. Resumindo o caminho feito, foi possível notar que primeiramente a chamada parábola dos vinhateiros pôs em cena a atitude de um grupo de lavradores, que atuou de forma persistente com o escopo de recuperar a terra-herança. Esta forma do texto foi conservada em grupos seguidores de Jesus, e o evangelho de Tomé se mostra testemunha eloqüente desta realidade. O texto de Marcos, porém, reflete um estágio posterior da transmissão

do texto parábólico. Reflete, sem dúvida, a realidade conflitiva dos campos da Galiléia, mas coloca esta percepção a serviço da compreensão que desenvolve sobre o momento histórico presente, bem como da justificação da legitimidade de sua comunidade, da leitura que ela faz das Escrituras e do messias que reconhece.

Desta maneira, o que se está postulando aqui é a possibilidade de que o complexo da parábola dos vinhateiros possa ter outras leituras distintas daquela convencionalmente feita. Mais do que uma parábola que expressa a autoconsciência de Jesus sobre sua missão e relação com o Pai; mais que uma manifestação do cristianismo primitivo sobre o processo de história da salvação e o lugar de Jesus e seus seguidores nela (manifestação essa apresentada muitas vezes em tom evidentemente anti-semita); mais que reduzir apenas ao Jesus histórico a possibilidade de ter formulado uma parábola com outra significação que a cristológica; em lugar disto existe uma parábola não cristológica, voltada para questões ligadas à sobrevivência, ao cotidiano e à ação, assumida (se não criada) por grupos seguidores de Jesus.

CONCLUIR? QUESTÕES QUE PERMANECEM

Se a proposta aqui delineada, de compreensão da formação dos textos das parábolas for considerada viável, torna-se possível levantar questões sobre o lugar social e político do movimento de Jesus em Israel nos anos anteriores à Guerra Judaica. Que consciência frente à realidade cotidiana não manifestará parábolas com os contornos acima definidos? As parábolas revelam uma sensibilidade muito marcante para com situações de precariedade da vida e da luta pela sobrevivência, sensibilidade esta que não transparece nos escritos convencionais que tratam de descrever os primeiros passos das comunidades primitivas. E são estas situações concretas de penúria, miséria e luta, como aquelas descritas nas parábolas, que devem explicar os movimentos de resistência existentes então, incluídos aí os grupos seguidores de Jesus. A sensação de apoliticismo dos primeiros grupos que seguiram Jesus parece ser muito mais reflexo da mentalidade dos exegetas e estudiosos do que das condições reais e objetivas das experiências (variadas!) dos primeiros seguidores e seguidoras de Jesus.

Outra questão que se coloca é aquela relativa à pluralidade de tradições existentes entre os grupos seguidores de Jesus. Pode-se ainda continuar falando de “movimento de Jesus” sem que, com esta expressão, estejamos minimizando e encobrindo diferenças de compreensão e de experiências entre as pessoas que seguiram Jesus? As trajetórias das parábolas que estudamos não são claros exemplos da pluralidade de caminhos que os diversos grupos seguidores de Jesus assumiram? Aqui a recuperação dos textos assim chamados “apócrifos” é indispensável, como forma de resgatar experiências eclesiais diferentes e alternativas e compreensões originais e surpreendentes da pessoa de Jesus e sua atuação.

É possível também colocar uma questão relativa à leitura mesma das parábolas. Como recuperá-las à luz da tradição sapiencial secular em Israel, sabedoria esta constituída da soma de experiências advindas do dia-a-dia? Uma sabedoria que tem a ver com o agir, com o posicionar-se, de forma criativa e livre, diante dos desafios do cotidiano... E as parábolas, além da forma alegorizada que muitas vezes recebe-

ram, com sua importância e relevância, apontam para horizontes à primeira vista inusitados...

E, finalmente, fica também uma questão para a elaboração da cristologia. Neste trabalho buscou-se, conscientemente, relativizar a ruptura entre Jesus e seus primeiros seguidores. Intentou-se mostrar que a transmissão e a conservação dos ditos e feitos de Jesus falam, de alguma maneira, da consciência e prática de quem os transmitiu e conservou. Podemos ainda continuar falando da “prática de Jesus”; como frequentemente fazemos em nossa América Latina, sem nos referirmos necessariamente à prática de homens e mulheres que junto com ele e depois dele agiram? É possível continuar isolando Jesus das pessoas que com ele fizeram caminho?

25

Este trabalho baseia-se na dissertação de mestrado do autor, apresentada no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião (IEPG) do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), em São Bernardo do Campo/SP, com o título: *Uma parábola rebelde. Textos e contextos na história da parábola dos vinhateiros* (1994). Lá estas e outras questões são abordadas de forma mais desenvolvida. Também se encontra uma bibliografia mais ampla sobre o assunto. Apresentamos aqui apenas alguns textos, mais acessíveis, que foram de grande importância para a elaboração deste estudo, e que servem de sugestão para aprofundamento no estudo das parábolas:

- ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Parábolas: palavra que liberta*. Mimeo, São Paulo, 1989.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*. Imago Editorial, Rio de Janeiro, 1994 (sobre as parábolas encontramos reflexões importantes nas p.313-319).
- DUPONT, Jacques. *Por que parábolas?* Editora Vozes, Petrópolis, 1980.
- DUPONT, Jacques. *O método das parábolas de Jesus hoje*. Edições Paulinas, São Paulo, 1985.
- GUERRERO, Gonzalo M., “As parábolas como expressão simbólica de libertação”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1991. n.9, p.99-118.
- GUERRERO, Gonzalo M., “Solidariedade, goelança e parábola. As parábolas, expressão e escola de goelança”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1994. n.18, p.74-93.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 3 ed. Edições Paulinas, São Paulo, 1980.
- NOGUEIRA, Paulo A. S., “A polissemia das parábolas de Jesus. Uma crítica à prática exegética de textos metafóricos à luz de Marcos 4”. In: *Reflexões no caminho*. Campinas, 1993. n.4, p.33-40.
- WEGNER, Uwe, “Os evangelhos, Jesus, os escravos”. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1988, p.53-72.

Sobre a problemática da terra, nos tempos do Novo Testamento e nos dias de hoje, pode-se ler:
SOUZA, Marcelo B. e CARAVIAS, José L., *Teologia da terra*. Editora Vozes, Petrópolis, 1988.

Sobre o evangelho de Tomé e o gnosticismo:

KUNTZMANN, Raymond e DUBOIS, Jean-Daniel, *Nag Hammadi — O evangelho de Tomé*.
Edições Paulinas, São Paulo, 1990.

MEYER, Marvin e BLOOM, Harold, *O evangelho de Tomé: as sentenças ocultas de Jesus*.
Imago Editorial, Rio de Janeiro, 1993.

PAGELS, Elaine, *Os evangelhos gnósticos*. Editora Cultrix, São Paulo.

26

Pedro Lima Vasconcellos, católico, é assessor de Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI)
e professor no Instituto Teológico Pio XI, em São Paulo/SP.
Endereço: Rua Isola Beli Leonardi, 32
06694-170 — Itapevi — SP

NÚMEROS ANTERIORES

1. **"Os ninivitas creram em Deus"** – Milton Schwantes
2. **Vem, Espírito** – Fábio Laerth Tonello, Mariano Marchitello, Milton Schwantes, Nancy Cardoso Pereira, Paulo Roberto Garcia, Roberto Natal Baptista
3. **Na voz das mulheres** – Jane Falconi F. Vaz, Rosa Marga Rothe, Nancy Cardoso Pereira, Lori Altmann, Rosângela Soares de Oliveira, Tânia Mara Vieira Sampaio, Elza Tamez, Genilma Boehler
4. **Jonas** – Paulo Cesar Botas, Nancy Cardoso Pereira, Roberto Natal Baptista, Dario Geraldo Schaeffer, Sebastião Armando Gameleira Soares, Paulo Roberto Garcia, Rolf Schuenemann, Mariano Marchitello, Zwinglio Mota Dias
5. **"Misericórdia Quero"** – Roberto E. Zwetsch
6. **Mulheres na prática da justiça e da solidariedade** – Ivoni Richter Reimer
7. **História de Israel** – Milton Schwantes
8. **Bíblia e Ecologia** – Paulo Roberto Garcia, Ivoni Richter Reimer, Haroldo Reimer, Roberto Natal Baptista, Luis Mosconi, Ivo Storniolo, Fernando Bortolletto Filho
9. **Introdução à leitura bíblica** – Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz, Paulo Roberto Garcia, Roberto E. Zwetsch
10. **Interpretação Bíblica na Igreja Oriental Antiga** – Duncan Alexander Reily
11. **Esperança na justiça** – Haroldo Reimer
12. **A leitura bíblica por meio do Método Sociológico** – Uwe Wegner
13. **O julgamento da Babilônia** – José Adriano Filho
14. **O que importa é fazer caminho...** – Paulo Augusto de Souza Nogueira, Pedro Lima Vasconcellos, Luis Eduardo Torres Bedoya, Mercedes Brancher, João Cesário Leonel Ferreira
15. **Bíblia e Ecumenismo** – Milton Schwantes, Ágabo Borges de Souza, Maurício Waldman, Vilson Caetano de Sousa Júnior, Carlos Mesters, Paulo Augusto de Souza Nogueira
16. **Mulheres... experiências de uma caminhada** – Ana Claudia Figueroa, Wanda Deifelt, Maria Luiza Rückert, Jane Falconi F. Vaz, Nancy Cardoso Pereira
17. **Bíblia e Negritude: caminhos de aproximação** – Vilson Caetano de Sousa Júnior, Heitor Frisotti, Marcos Rodrigues da Silva
18. **Uma mulher com deficiência luta contra a morte social** – Vera Maria Immich

Pedidos para: KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço
Rua dos Pinheiros 706, casa 6 Pinheiros
05422-001 São Paulo SP
Tel e fax (011)280.7461

Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel (021)224.6713 Fax (021)221.3016